

# TRAGEDIA

159

A.

159-A



Nosso Unico  
Publicação Para Sociedade  
de Artistas Dramaticos  
e Empresaria  
Do Theatro de D. Maria II  
e Destinada  
a Socorrer  
as Vidas das  
Victimas dos  
Terraquotos em  
Hispanha



REG. 50

PARTELLI & C. LITOGRAFIA



JANEIRO 13

ANNO 1885

# A TRAGEDIA

NUMERO UNICO

Publicado pela Sociedade de artistas dramaticos, empreezaria do Theatre  
de D. Maria II.  
e destinado a soccorrer as victimas dos terremotus  
em Hespanha



## Á HESPANHA!

Em crebras convulsões  
epileptica, em ancias, se debate  
a patria de Pelayo e de Cortez!  
ella! a Esparta brilhante do occidente,  
rica de formosuras e varões,  
é pallida e tremente!  
Vem dar-lhe a mão, ó povo portuguez!

Nunca tremeram esses corações,  
no circo, na procella ou no combate,  
nos azares, sem fim, da croa guerra...  
a não ser no raiair d'uma victoria  
ou concebendo enormes ambições.  
Tudo isso registou provida a historia  
e aponta o mundo inteiro inda os vestigios!...  
Porque será que treme aquella terra?  
e geme e arqueja em convulsão tamanha?  
.....

Quem sabe o que esse berço de prodigios,  
ó nobre Portugal, ciumento irmão!  
procreará, de glorias e fastigios,  
n'esta convulsionada gestação?

Deus olhe para vós, terras de Hespanha!

THOMAZ BIBEIRO.

Os grandes cataclysmos, por muito que se esperem,  
colhem-nos sempre de surpresa.

JOÃO ROSA.

A arte e a caridade não teem patria; cultivando uma,  
exercemos a outra!

AUGUSTO ANTUNES.

Ref. n.º 6354  
4230/RES-36

## A TRAGEDIA DE ANDALUZIA

(Fragmento)

.....  
Aquella risonha Andaluzia, a perola das Hespanhas, a sultana favorita dos arabes, verdadeiro jardim do sol, em cujo abençoado terreno desabrocham a um tempo as flores e as melodias, as mulheres formosas e os soldados encantadores, os toureiros intrepidos e os soldados heroicos, a Andaluzia, a terra dos amores e das musicas, a donairosa provincia, cujo sol radiante accende uma chamma nos olhos de cada mulher, e põe um raio do seu calor vivificante em cada bago doirado dos cachos das uvas de Xerez, queima a um tempo docemente a tez das encantadoras morenas e vivamente o sangue dos esbeltos *majas*, cujo saudoso luar prateia com os seus scintillantes reflexos as aguas murmurantes do Guadalquivir e do Douro, e envolve n'um vago nimbo de melancolia os campos verdejantes onde rescendem os roseiras, e onde geme nas cordas voluptuosas da guitarra a namorada *malagueña*:

A Andaluzia em cujo solo brotara como uma vegetação de marmore essa floresta de columnas que se chama a cathedral de Cordova, onde se ergue a Giralda sobre a tumultuosa Sevilha, e onde a pensativa Alhambra escuta nos gemidos das aguas, correndo nas fontes dos seus pateos, como que o ultimo echo das despedidas saudosas dos seus mouriscos fundadores:

A Andaluzia que se ufana das suas trinta cidades, a qual mais nobre e mais bella — Cadiz — onde pulsou constantemente o coração da liberdade hespanhola, Malaga onde se desentranha em languidas melodias todo o amor que pôde latejar nas veias de uma Andaluzia, Xerez em cujas vinhas circula a seiva ardente que dá depois ao generoso licor que d'ellas brota o dom do entusiasmo, Sevilha o orgulho das Hespanhas, Cordova que guarda ainda nos seus monumentos como que o inextinguivel perfume do Oriente em que se impregnavam os Ommyadas, Granada, languida como uma sultana, garrida como uma Hespanhola, que se recosta á noite, sob os raios pallidos da lua, coroadando a frente gentilissima com a Alhambra e o Generalife, banhando os pés no Xenil e no Darro, e respirando com delicias a inebriante fragrança que á noite rescende das romeiras da Vega, quando as arvores se corôam de flores

vermelhas, ou quando os fructos entre-abertos deixam ver por entre as fendas da casca rugosa as perolas es-carlates dos seus bagos engastadas em setinosos al-veolos;

A Andaluzia enfim, esse paraizo da Europa, trans-formou-se de subito n'um inferno sem nome, na imagem medonha do Chaos. O terreno vacillante e sacudido a cada momento pelas convulsões internas, já não offerece garantias aos que o pisam. As aldeias descem das mon-tanhas para os valles, transportadas pelo proprio solo, em cujas entranhas parecem affundar-se, os montes es-tão prestes a desabar como se a mão do homem os tivesse erguido, e como se n'este immenso theatro da natureza fosse este fim de seculo um final de 5.º acto com uma derrocada por desenlace. A cada instante se abrem no solo fendas enormes, os penedos, que pare-ciam desafiar o tempo e os cataclysmos, rolam agora sobre as povoações, e vão, com estampido medonho, affogar se no mar. Os rugidos subterraneos acompa-nham, como um tiro infernal, esta catastrophe tremenda.

FENHEIRO CHAGAS.

#### PARA OS POBRES...

Arrancae um diamante,  
Oh, felizes namoradas,  
D'essas tranças perfumadas  
Que a vossa fronte emmoldura;  
Pois que as deusas não carecem  
De taes adornos postiços,  
Possuindo outros feitiços  
Em amor e formosura...

MOURA CABRAL.

O homem é pequeno pela intelligencia, mas é grande pelo coração. Quando perante os cataclysmos horriveis da natureza mysteriosa a sabedoria do homem é impo-tente, surge da alma humana essa força poderosa e triumphante que se chama — Caridade.

GERVÁSIO LOBATO.

Ao pensarmos na catastrophe que assolou uma das provincias de Hespanha, chegamos quasi a duvidar de Deus: mas ao vermos a Philantropia correr em auxilio de tanta victima, devemos, mais do que nunca, accredi-tar n'Elle.

ANTONIO DE CARVALHO (PONTO).

### TODOS IRMÃOS

Eu tenho em minha frente um mappa immenso  
Que divide as nações;  
Tem linhas que serpeiam doudejantes  
Em varias direcções.

O velho patriota, o varão grave  
Não as ouza transpor;  
Mas quando o sol, que não é só da patria,  
Lhe dá luz e calor;

Ascende, e corre, e vae de espaço a espaço  
Como as aguias reaes;  
Que não ha n'este mundo quem refreie  
Os vôos syderaes.

Por isso nós voámos aos teus braços,  
— Noute que eras manhan; —  
E dizemos-te: «Aquí nos tens, Hespanha,  
«O nossa bella irman!»

E. A. VIDAL.

Caridade! sublime palavra.

ROSA DAMASCENO.

Não ha ninguem que se não julgue feliz, quando en-  
chuga as lagrimas dos que padecem.

VIRGINIA.

Soccorramos, soccorramos os infortunios da Andalu-  
zia, que o socorro illustra mais Portugal do que um  
feito d'armas. É tambem uma victoria, victoria sobre  
os preconceitos rancorosos, sobre as memorias de san-  
gue e ultrages. Se a nossa esmola não é pagamento de  
dívida nem tem esperança de retribuição, a generosidade  
e o desinteresse transformam-lhe o cobre em ouro. O  
asylo da nossa compaixão é como a tenda do arabe;  
entre confiadamente o inimigo d'hontem, que se trouxe  
luto na alma, encontrará lagrimas que se misturem ás  
suas, se tiver fome, comerá do pão dos nossos filhos. E  
quando amarhá o encontrarmos na estrada da vida, nem  
o reconheceremos, para que o reconhecimento lhe não  
recorde o beneficio.

Não receemos irritar os manes de Nun'Alvares e Pinto  
Ribeiro, que se habitam nas mansões onde impera o es-  
pirito de Jesus, lá está o Deus da humanidade para in-  
spirar os heroes da nacionalidade. Perante o espectáculo  
dos vergeis da Andaluza convertidos em cemiterio, onde

por si se abrem as covas e se amontoam os escombros para architectar tumulos, elles proprios, os velhos athletas, fundiriam o bronze e o ouro dos punhos da espada e das guarnições dos arnezes, para os distribuir em esmolas. E que não ha calamidade mais atroz do que aquella! Na Andaluzia, os terremotos estão paraphraseando a velha lenda classica da espada de Damocles; a cabeça dos habitantes impendem montanhas a esbroar-se e edificios a desfazer-se. O luto agrava-se com o perigo; os que choram pelos outros tremem por si; os sobreviventes são talvez agonisantes. A terra devora ou sacode de si as casas, e o ceu inclemente cospe neve e dardeja granizo sobre os desabrigados e nús. Aos que se desenterram das ruínas hospeda-os a miseria. Na patria do galanteio e do riso, callaram-se as serenatas, romperam-se as panderetas, e só se ouve, nas pausas do estrepido dos desabamentos, um lugubre côro de resas e soluços. E a natureza, ali tão risonha e amovel antes, prolonga a tortura dos povos como um carrasco impedrendo da Inquisição; a terra treme, treme, como um epileptico, parecendo esperar que a ensopem os prantos até apagar as lavas abrazadas que se lhe estorçem nas entranhas.

E horrível, pela incerteza do dia d'amanhã; é viver em cima da sepultura, é dormir debruçado sobre um abysmo, é estar sempre no oratorio d'uma pavorosa execução. Inimidades que se não applacassem perante tão excruciante supplicio, indiferenças que não se fundissem em enternecimento á vista de tão engenhosa atrocidade do infortunio, não seriam paixões de homens, senão instinctos de feras. Nós, que daríamos soccorro aos hespanhoes, por bisarria nacional, o que lhe não daremos por tão merecida compaixão? Abram-se as bolsas, que estão abertos os corações; e nas paginas da nossa historia, onde se narram as guerras seculares dos dois povos da Peninsula, escrevamos á margem, para gloria da civilisação que vaie transformando odios nacionaes em fraternidade humana: «Tempos depois, os descendentes dos inimigos encarniçados de Aljubarrota e Montes-Claros choraram juntos, como uma só familia, os desastres da Andaluzia, e o obolo dos portuguezes ajudou a reedificar as aldeias, que porventura os seus maiores, em alguma entrada assoladora, despovoaram com a espada ou arrazaram com o incendio.»

A vingança é o prazer dos deuses, disse um sábio antigo; deveria ter dito antes a caridade é a alegria dos mortaes!

EMILIA, 60S ANOS.

Dae esmola ao pobre, dae, se quereis ter o premio nos ceus!

EUGENIA ANOS (10 ANOS).

Tende compaixão das creanças que ficaram sem mãe!

LUIZA ANOS (8 ANOS).

Estremeceu a terra e abrindo-se em abalos a vomitar a morte, o desespero, o lucto, resumiu na agonia apenas de um minuto horrores que nem pôde a idéa imaginal-os.

Sepultas nos montões das ruínas da cidade as mães levantam inda acima dos escombros, nos braços já sem vida, os filhos nús! Quem hade ajudal-os a pôr aos pequeninos hombros a ensangentada cruz horrivel da orphandade?

A seu turno estremeça e abra-se, humanidade, o teu seio fecundo a tantos infortunios. És mãe, são filhos teus, abraça-os, reune-os n'esse infinito amor chamado — Caridade! —

FERNANDO CALDEIRA.

Soccorrei e ajudai a levantar do tablado, onde caem prostrados, exangues, os interpretes da horrivel tragedia, que actualmente se representa na Andaluza.

AUGUSTO BOA.

Na Arte Dramatica as lagrimas e a dôr, sendo tão falsas como o oiropel, commovem e sensibilizam; — transformemos nós em oiro as lagrimas e a dôr dos desgraçados da Andaluza!...

ANTONIO PEDRO.

Sae-nos do coração um pranto ardente  
 um mysterio, um perfume, um brando som,  
 como passa no ar o aroma quente  
 das azas virginaes d'um anjo bom.

E o nosso amor, os nossos ais maguados,  
 da nossa dôr as expansões tão francas,  
 irão cair aos pés dos desgraçados  
 como um diluvio de violetas brancas.

ANNA D'ALBUQUERQUE.



## DUAS EPOCAS

## I

Soltavas teu cantar ao som das pandeirêtas,  
 dançavas no *bolero*, em ondas de alegria;  
 no seductor olhar encantos d'uma huri,  
 ouvindo madrigaes aos loucos dos poetas,  
 só feitos para ti,  
 formosa, sensual, morena Andaluzia!...

## II

Porém eu vejo agora a sombra da Desgraça,  
 cavando no teu rosto os sulcos da tristeza...  
 Calou-se a pandeirêta, o som da castanhola...  
 e pedes a quem passa,  
 chorosa, desgrenhada, um obolo, uma esmola...  
 — Poetas, soccorrei-a! — Esmola p'ra a Belleza!

Lisboa, 9 de janeiro de 1885.

AUGUSTO DE LACERDA.

Deseja-se a felicidade e raras vezes a antevemos; evi-  
 ta-se a desgraça e encontramos-a sempre ao nosso lado.

CAROLINA FALCO.

Para enxugar as lagrimas dos desgraçados provocamos  
 o riso dos felizes!

EDUARDO BRAZÃO.

O' nobres corações, ó consciencias puras,  
 Abri-vos para o bem, que um povo esparvido,  
 Agora está gemendo ao peso das torturas  
 Que o deixam nú, sem pão! Calae tanto gemido  
 O' nobres corações, ó consciencias puras.

MOYÉS BENSACUDE.

Dispensar o balsamo da esmola entre os sorrisos da  
 festa é revestir a caridade dos mais aprasiveis encantos.

PEDRO VIDOESHA.

É noite. Enquanto escrevo, oiço na rua, ao largo,  
 Uma chorosa voz, tremente de paixão,  
 Cantar da *malagueña* um trecho lento e amargo,  
 Ao triste soluçar d'um lugubre violão.

E porque na minha alma um grande horror desenha  
 Os destroços brutaeas da Hespanha derrocada,  
 Parece-me que a vejo afflicta, desgrenhada,  
 A chorar e a tremer n'aquella *malagueña*!...

10—1—85

MACEDO TAPANÇA (Visconde de Monsaraz).

1755-1885

Vencida, brutalmente esmagada pela natureza, Lisboa, em 1755, pedía, enluctada e afflicta, soccorro á Hespanha opulenta.

E a Hespanha atirou de lá, generosamente, para cima de tanta miseria, punhados de ouro.

Em 1885 a Andaluzia devastada, chorando lagrimas de sangue, pede soccorro a Lisboa.

E Lisboa, e o paiz inteiro, só procuram n'este momento confortar com algumas lagrimas, convertidas em ouro, a sua irmã querida, a desgraçada Andaluzia.

Assenta n'estas datas tragicas toda a fraternidade humana:

JAYNE VICTOR.

Se a minha fortuna se medisse pela minha dôr, felizes dos pobres Andaluzes.

FELIX CANDIDA.

Morrer é nada! Soffrer é tudo! Soccorramos pois os que soffrem!

JOAQUIM D'ALBUQUERQUE.

A Andaluzia, a região prodigiosa das lendas e tradições risonhas, dos thezouros e das mouras encantadas, a patria do amor e do prazer, cuja existencia era um sorriso e uma visão de danças inimitaveis, de meneios arrebatadores e de canticos de infinita graça, jaz convertida n'um melancolico sarcophago, n'uma urna de prantos e agonias por um d'esses tremendos cataclismos geologicos que ha pouco mais de um seculo arrazaram a capital portugueza. Lisboa, mestra experimentada n'estas dôres tremendas, não tendo ainda, talvez, despido totalmente o lucto da tragedia de ha 120 annos, contempla n'um justo pavor e em commoção profunda a sua querida irmã de além da fronteira, abraça-a carinhosamente, na sua extrema afflicção, e, procurando enxugar-lhe as lagrimas com um osculo fraternal, exclama n'um grito de alma: — «Irmã, commungo na tua dôr, e busco consolar-te, porque te comprehendo bem!»

EDUARDO COELHO.

A caridade é o porto tranquillo onde vae descansar o coração batido pelas tempestades da vida.

AMELIA DA SILVA.

Abençoados os que dão esmola.

JOAQUIM COSTA.

Soccorrer os nossos irmãos é beneficiar a nossa propria familia.

FELIX CANDIDA.





